

Egreja de Santa Cruz de Coimbra

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

I

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

É representante este monumento de duas epochas da historia portugueza, afastadas uma da outra quasi por quatro seculos, bem differentes no mandato que lhes commetteu a civilisação; mas ambas gloriosas para este paiz, ambas egualmente fecundas em resultados civilisadores.

Na primeira, a espada invicta de D. Affonso Henriques liberta o solo de Portugal do dominio dos sarracenos que o senhorearam por mais de quatrocentos annos; e os portuguezes, agradecidos é ébrios de en-

thusiasmo, acclamam rei o general que os conduziu á victoria, e fundam no campo da batalha, onde jaziam, entre os despojos do vencedor, cinco coroas de reis, a monarchia que a Providencia destinava para o maior commettimento das edades modernas.

Na segunda, uma pleiade de heroes, impellidos para o caminho da gloria, pelo rei D. Manuel, o afortunado, sulcam e devassam os mares em todas as direcções, affrontando mysterios e tormentas; descobrem a maior parte da Africa; mostram á Europa, cheia de assombro, o caminho da India; levantam o véo que occultava o Brazil entre os mundos desconhecidos; lançam por todas essas longinquas regiões os fundamentos do grande imperio portuguez; dão novo rumo, novas bases e novas leis ao commercio das nações européas; abrem, finalmente, de par em par as portas á moderna civilisação.

Taes são as quadras da vida d'esta nação que o mosteiro de Coimbra commemora. Coévo com a fundação da monarchia, e devendo, como esta, a sua existencia ao mesmo braço e ao mesmo esforço, rejuvenesceu, e ataviou-se de novas e mais esplendidas galas, ao aceno do soberano que fez reflorecer Portugal em gloria, riqueza e poder.

Os conegos das sés viviam em communidade, com clausura e silencio, desde o principio do seculo V, seguindo o exemplo dado por Santo Agostinho na cathedral de Bona, e observando a regra instituida por este patriarcha.

Correndo o anno de 1128, D. Bernardo, ex-monge benedictino, que então governava a diocese conimbricense, deu liberdade aos seus conegos para deixarem a vida commum, e poderem adquirir propriedades. Posto que a este tempo já outros prelados, em paizes estrangeiros, tivessem concedido egual permissão, o arcediago D. Tello, o mestre-eschola de D. João Peculiar, e D. Miguel, prior da sé, não se poderam conformar com a resolução do bispo D. Bernardo. Reputando a vida claustral mais perfeita e mais apropriada ao estado ecclesiastico, determinaram fundar um mosteiro, onde se recolhessem a observar a regra agostiniana.

A idéa inicial partíra de D. Tello, que, tendo visitado a cidade de Jerusalem, víra e ficára encantado do instituto dos conegos do Santo Sepulchro. Foi elle, pois, que se dirigiu ao bispo, solicitando licença para a fundação de um mosteiro junto da cidade de Coimbra. Obtido o consentimento do prelado, escolheu um sitio baixo a oéste da cidade, e proximo das suas muralhas, chamado os *Banhos da Rainha*.

Havia n'esse logar uma pequena egreja, da invocação de Santa Cruz, e ao pé d'esta uma horta, que se estendia até á raiz de um monte povoado de oliveiras, que a abrigava do norte. Restava, portanto, fazer a acquisição do terreno para se pôr o intento em execução. Para esse fim recorreu D. Tello ao soberano, de quem era muito acceito; e D. Affonso Henriques, ainda então infante, annuiu de bom grado aos rogos do arcediago, fazendo-lhe doação dos *Banhos da Rainha*. D. Tello, em reconhecimento da munificencia do infante, offereceu-lhe uns ricos jaezes de cavallo, e um peitoril cravejado de pedraria, que trouxera de Constantinopla.

No dia 28 de julho de 1131 celebrou-se a ceremonia da fundação com toda a solemnidade. D. Affonso Henriques, acompanhado da sua corte guerreira, foi, segundo o uso da epocha, cavar com uma enxada no logar destinado para a capella-mór do templo, e enchendo um cesto de terra, carregou com elle nos hombros, até o ir despejar fóra do recinto das obras. Ao soberano seguiram-se as mais pessoas da corte, indo cada um por seu turno, conforme as jerarchias, cavar e tirar um cesto de terra.

D'ahi a um anno achava-se acabado o mosteiro, tão pequena e humilde era a sua fabrica! Estava D. Tello para se recolher n'elle e mais onze companheiros, ao tempo em que passava por Coimbra D. Theotonio, prior de Viseu. Este sabio e virtuoso varão, a quem o povo da Beira venerava como santo, ia caminho da Palestina, resolvido a passar o resto de seus dias no serviço e adoração do Santo Sepulchro. Porém, obrigado por D. Tello, á força de instancias, a mudar de tenção, decide-se a ficar em Coimbra, e juntando-se áquelles doze religiosos, entra com elles no mosteiro, ao qual deram a mesma invocação de Santa Cruz que tinha a antiga e visinha egreja. Assim congregados, tomaram o titulo de conegos regrantes de Santo Agostinho.

Não tardou este humilde cenobio a florecer em todo o genero de virtudes christãs. O povo da cidade e dos arrabaldes não desamparavam a sua pequenina egreja, que mal podia conter a multidão dos fieis, sobre tudo nos dias festivos. E D. Affonso Henriques, já afeito a respeitar no velho prior de Viseu o bravo conquistador de Arronches, agora todo enlevado na piedade e sabedoria do novo conego de Santa Cruz, não deixava passar dia algum sem o ver e consultar nas materias de religião, ou ácerca da governança do estado, ou sobre novas emprezas bellicosas.

Affeiçoando-se d'est'arte cada vez mais ao veneravel ex-prior de Viseu e aos seus bons companheiros não lhe soffreu o animo por muito tempo ver tamanha santidade de vida e tanta perfeição de culto divino encerradas em tão acanhado espaço, pois que o mosteiro apenas constava de um claustro mui pobre com doze cellas estreitas e escuras.

Vencendo a resistencia que lhe oppunham a humildade d'aquelles santos varões, e a austeridade da regra que seguiam, tratou o soberano de lhes edificar novo e mais espaçoso mosteiro; o que levou a effeito em poucos annos de trabalho, mas á custa de muito dispendio do thesoiro real, e da sua propria vigilancia, que não cessava de animar e excitar o zélo dos artifices, ora com palavras ora com premios.

Saiu a obra grande e magnifica, se se attender á epocha em que foi feita, por quanto a egreja contava tres naves e oito capellas, e o mosteiro tres claustros, dormitorios com oitenta e quatro cellas, e o refeitorio e todas as mais officinas na mesma proporção.

Annexou o monarcha ao novo mosteiro alguns terrenos, que cercou de altas e grossas muralhas, ás quaes juntou varias torres para defesa d'esta casa de oração, visto achar-se fóra da cêrca da cidade, estando ainda quasi toda a Estremadura em poder dos moiros.

Tomando posse do novo mosteiro, elegeu a communidade a D. Theotonio por seu prior, e D. Tello partiu para Roma, onde solicitou e obteve do summo pontifice a isenção do mosteiro de Santa Cruz, por bulla de 20 de maio de 1135.

Posto que se concluiram as obras d'esta segunda fundação pelo meio do reinado de D. Affonso Henriques, só no seculo seguinte foi sagrada a egreja. Celebrou esta ceremonia, em 1228 o cardeal D. João Froes, natural de Coimbra, que fôra conego d'este mosteiro, e que n'esse tempo era legado *á latere* do papa Gregorio IX.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 26)

VI

Era um domingo, vespera de S. João, e os habitantes de Cabia resolveram fazer n'aquella noite os festejos de modo que resoassem em todas as Encartações.

Sacrifica-se rara vez n'aquelle paiz a obrigação á diversão. A obrigação é passar o dia de trabalho nos campos e nas herdades; e a diversão passar o dia de festa, parte na egreja, e parte nos retiros jogando a malha, a pellota e a barra, ou nos bosques ou nas casas entregando-se a exercicios e prazeres tão innocentes como estes.

Como no anno a que me refiro a vespera de S. João caíra ao domingo, os habitantes de Cabia tinham a tarde inteira á sua disposição para preparar os festejos.

Reunidos depois do rosario, no campo da egreja, propozeram-se antes de tudo resolver o ponto onde haviam de ir buscar matto.

— Em Matacabras, disse Antonio, tenho eu matto que servirá para chamuscar todas as bruxas do reino e colonias.

Ambrosia, que ouvíra estas palavras ao sair do templo, julgou que lhe faziam allusão, e correu furiosa para energicamente protestar.

— Senhores! — disse uma voz zombeteira que parecia descer do ceo. Proponho que não queimem Ambrosia nas fogueiras, porque está bastante martyrisada por não ter encontrado em toda a vida nem um monstro como o que se casou em Segovia sendo cego, maneta e coxo.

Ergueram todos os olhos, e viram com horror André passeiando, com a maior serenidade, pela estreita cornija que rodeava a altissima torre quasi por baixo dos sinos.

Ambrosia expelliu duzias de palavras offensivas contra o sineiro, e a final, de pé atraz como as senhoras regateiras, arremessou-lhe uma pedra; mas a pedra deu muito mais abaixo da cornija, e ao cair fracturou o nariz da que a tinha arremessado.

Curada Ambrosia com agua, sal e vinagre, que lhe fizeram ver as estrellas, e conduzida para casa, todos, até Juancho, o octogenario, se armaram de instrumentos proprios e tomaram o caminho de Matacabras, onde estava o matto que Antonio accumulára depois de limpar as suas terras.

Feliciana tambem quiz ser da companhia; mas o marido disse-lhe o que quer que fosse ao ouvido, ella córou e renunciou a ida.

Recebêra o nome de Matacabras a planicie que terminava em uma das duas collinas que dominavam a aldeia.

Os homens amontoavam o matto que tomavam com as forquilhas, para se livrarem dos espinhos; e as mulheres atavam os mólhos, que em pouco rolavam até ao campo da egreja, onde ao anoitecer havia já matto com o qual se cozeria pão para um exercito.

Esperava-se com anciedade que principiassem a brilhar as fogueiras no valle e nas aldeias dispersas na falda das mantanhas do poente, para lançar fogo áquelles mólhos.

As raparigas preparavam os pandeiros, os homens as espingardas, e os rapazes a coirama que punham em compridos paus. Tudo era alegria em Cabia.

D. João Palomo não participava, comtudo, do jubilo geral, porque, sentado na janella que dava sobre o saguão da casa, fumava descançadamente um charuto, e seguia distrahido as ondulações do fumo que lhe saía dos labios.

Antonia ergueu os olhos para a janella de D. João, e, vendo-o, disse:

— Desça, desça, e não esteja ahi pensando nas teias de aranha. E não se enfade logo quando lhe chamam *João Palomo!...*

D. João fez um gesto de despeito ao ouvir este apódo, que, depois de havel-o apropriado a si, chegára a ser seu pesadelo.

— Levas toda a noite a repicar? — dizia Isabel a André, um pouco retirados ambos á sombra de uma nogueira.

— Não te dê isso cuidado, porque entre os repiques descerei para dançar comtigo uma roda que fará tremer a terra!

— Commigo, não...

— Com a luz da manhã.

— Zombas!...

— Tens ciumes, Isabel?

— De quem, endiabrado?...

A mãe de Isabel chegára á janella.

— Isabel?

— Que quer, minha mãe?

— Pensas deixar-nos sem agua esta noite? Como ha festança... Vê se vaes buscar um cantaro de agua antes que seja mais tarde.

— Vou no mesmo instante, respondeu Isabel despedindo-se de André, que murmurou:

— Feiticeira! abençoada sejas!

N'aquelle momento D. João deixára de repente as suas distracções e descêra ao bosque.

— Graças a Deus, disse Antonia, até que o vemos entre nós!

— Tem razão para se alegrarem, respondeu D. João. Esta noite é noite de festa, e todos devemos pôr de parte desgostos e pezares! O que faz aqui falta é um par de cantaros de excellente vinho, não é assim?

— Sim, sim... é o que faz falta! — asseveraram todos os circunstantes, menos Isabel, que já saía de sua casa com o cantaro para a fonte, e André, que se evadíra no bosque.

— Bento! — disse D. João ao criado, vae a casa e traze-me bom vinho.

— De qual?

— Do melhor que haja na adega.

— Olhe v. exc. que Ambrosia ficará furiosa como uma panthera...

— Ambrosia já não tem furias... Ainda agora quebrou o nariz...

Decorridos poucos minutos, o vinho corria já em todas as guelas. A alegria era cada vez maior.

D. João, como quem alli não fazia nada, desappareceu entre a sombra do arvoredo, e tomou o caminho da fonte, seguindo Isabel que, entoando canções populares, levava cincoenta passos de dianteira.

O secular castanheiro, que se levantava ao lado da fonte, estendia sobre esta frondosos ramos.

Estando proximo o termo do dia, a escuridão era, pois, quasi completa em torno da fonte.

Isabel poz o cantaro debaixo da telha que servia de conductor, e em quanto a vasilha se enchia, foi arrancar um ramo para lançal-o na agua, a fim de que esta não fizesse poça; mas como ouvisse passos que se avisinhavam cada vez mais, perguntou com voz tremula:

— Quem vem ahi?

— Não tenhas medo, Isabel, que sou eu, respondeu D. João.

Isabel, cuja innocencia formava singular contraste com as diabruras de André, não pôde conter a expressão da sua alegria, porque a escuridão que reinava alli infundia-lhe medo.

— Para que veiu por aqui? — perguntou ingenuamente ao dissimulado D. João.

— Venho porque te quero muito.

— Sim?!

— Duvidas? Verás que abraço tão apertado te vou dar.

— Vá-se, vá-se, que é peccado! — exclamou Isabel, retrocedendo, mas tropeçou com o tronco do castanheiro, e alcançando-a D. João, ia atrevidamente estreital-a nos braços, quando do tronco da arvore saíu voz pavorosa que disse:

— Tu m'as pagarás!

Isabel e D. João lançaram um grito de espanto,

ficando ella muda e immovel de terror ao pé do castanheiro, e elle fugindo, caminho da aldeia.

— Não te assustes, Isabel! — disse carinhosamente André, saltando do castanheiro.

— André da minha alma! — exclamou Isabel, aproximando-se, tremendo, do noivo, que ao mesmo tempo a contemplava com affecto, e disse, rindo alegremente:

— Bem dizia eu que tinha de pisar boa herva esta noite.

N'aquelle momento vivissimo resplandor inundou Cabia.

— As fogueiras! as fogueiras de S. João! — gritou André alvoroçado, e collocando á pressa o cantaro na cabeça de Isabel. Adeus, meu amor, accrescentou; os sinos chamam-me. Não digas a ninguem que estivemos aqui João Palomo e eu.

E lançou-se a correr mais ligeiro que um gamo.

D. João, antes de chegar ao nogueiral, deu um rodeio por detraz das casas, e entrou na d'elle.

Chegando á janella, ouviu que os visinhos diziam:

— Onde estará o maldoso do André, que não quebra já os sinos á força de repicar!

Ao ouvir isto, D. João deu uma palmada na fronte murmurando com desesperação:

— Era elle!... era elle!... Vae contar a todos o que se passou na fonte; vou ser alvo dos motejos dos aldeões!... Que vergonha para um homem dos meus annos e da minha posição!...

André chegára tambem ao campo da egreja dando volta em roda das casas.

— Viva! viva! chegou André! — gritaram os rapazes atirando com os barretes ao ar.

— Andavas perdido, homem? — lhe perguntou o sr. prior.

— Estava dormindo um somno para que me vissem bem esperto durante a noite, respondeu André, e subiu a quatro e quatro os degraus do campanario.

Nunca se ouvira em Cabia repique mais alegre e melodioso que o que em seguida começou a responder aos repiques das egrejas parochiaes do valle.

— Que endiabrado homem! — exclamava Antonio rebentando de riso. Agora, agora é que elle faz fallar os sinos!

Cem fogueiras illuminavam com a claridade do sol o verde e formoso valle; e o rio, que pelo fundo d'este se deslisava, parecia uma serpente de fogo ao reflectirem-se nas limpidas aguas as vivissimas chammas.

Ao hymno de alegria que entoavam os sinos nas cinco torres que surgiam brancas e esbeltas da verde folhagem, em toda a extensão do valle, juntavam-se as salvas de trezentas espingardas, e os repetidos gritos de

¡San Juan! ¡San Pedro!
¡San Pelayo en medio!

Mas entre todas as fogueiras, as de Cabia mereciam a palma, na opinião dos habitantes do logar, que tinham a fraqueza — santa fraqueza! — de não invejar ninguem; de acreditarem que a aldeia onde haviam nascido era a melhor do mundo; de julgarem que fóra d'aquelle ninho de ramos e flores não existia a felicidade.

André, com a graça que Deus lhe déra para fazer fallar os sinos, a todos dizia alguma coisa que lhes agradasse.

A Isabel: — «Amo-te muito, amo-te muito!»

A Antonio e Feliciana: — «O vosso primeiro filho será mui lindo, mui lindo!»

A Juancho: — «Passarás dos cem annos, passarás dos cem annos!»

A Ambrosia: — «Bruxa raivosa, bruxa raivosa!»

E a João Palomo: — «Tu m'as pagarás, tu m'as pagarás!»

Sim, André dizia isto a D. João de Urrutia, que em quanto os visinhos enlouqueciam, arrancava de raiva o cabello, repellia com o pé a *Linda*, assanhava o gato, abria com estrondo as portas, e dizia, tapando os ouvidos para não ouvir os sinos:

— Tu m'as pagarás!... tu m'as pagarás!... Juro-t'o!

(Continua) BRITO ARANHA.

MONUMENTO DE ARNOSA DE PAMPELIDO

A historia registou em seus archivos o desembarque do exercito libertador nas costas de Portugal, como um dos maiores successos d'esta nação.

Quando tiverem serenado completamente as paixões politicas, que dividiram este nosso paiz em dois campos oppostos, onde fluctuavam as bandeiras da liberdade e do absolutismo; quando, extinctos pelo tempo esses antigos odios e preconceitos, todos os portuguezes se acharem identificados com o systema representativo, e caminhando unidos para o mesmo ponto, para o engrandecimento da patria e felicidade publica, não haverá então pessoa alguma que desconheça esta verdade.

Despojado da significação partidaria que teve, e que muitos ainda lhe dão, considerando-o sómente como o preludio da serie de triumphos que deu a supremacia a um partido politico sobre outro; aquelle successo brilhará então com as suas proprias e verdadeiras côres; ostentar-se-ha a todos como grande e benefico; avultará, em fim, como a inauguração de uma epocha de regeneração social, que nos vae levando, com passos vacillantes, mas progressivos, a transpor o immenso espaço que nos separava das nações mais civilisadas.

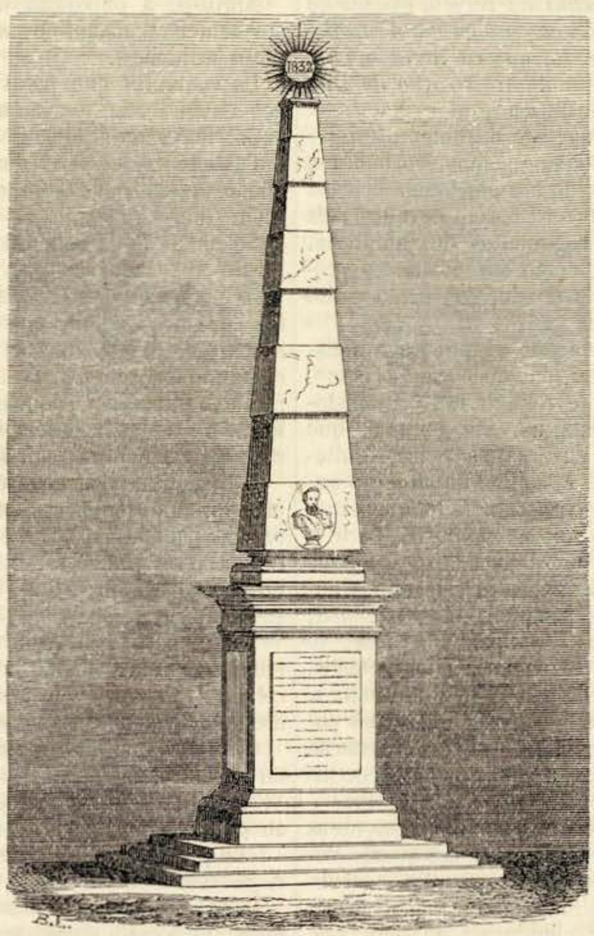
Demandava, pois, aquelle acontecimento, para gloria dos que n'elle tomaram parte, para credito de todos os que tem trabalhado no desenvolvimento e consolidação do systema constitucional, e, finalmente, para interesse da historia, um padrão commemorativo não só do feito, mas tambem do logar em que se realisou. Uma circunstancia especial tornava mais imperiosa esta exigencia. O nome do logar andava errado na boca de todos, desde o dia em que se effeituou aquelle desembarque.

Coube ao sr. Antonio José d'Avila, hoje conde d'Avila, e então administrador geral do districto do Porto, a honra do pensamento inicial e da execução do monumento. Vamos copiar o auto da fundação, porque n'este curioso documento estão consignados, além da situação e descripção do monumento, e da ceremonia da inauguração, importantes noticias historicas, e muitos nomes illustres e benemeritos que devem ser perpetuados na memoria de todos os que amam a liberdade, e guardados honorificamente n'este *Archivo* consagrado ás glorias de Portugal.

«Auto da collocação da pedra fundamental do monumento destinado a perpetuar a memoria do desembarque de sua magestade imperial Dom Pedro duque de Bragança, na praia de *Arnosa de Pampelido*, á frente do exercito libertador em oito de julho de 1832.

«No dia primeiro de dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, mil oitocentos e quarenta, septimo do reinado de sua magestade fidelissima, a rainha senhora Dona Maria II, e quinto do consorcio com seu augusto esposo el-rei o senhor Dom Fernando II; governando a diocese portuense o excellentissimo Dom Jeronymo, bispo eleito e vigario capitular; administrando o districto do Porto o excellentissimo conselheiro Antonio José d'Avila; commandando a terceira divisão militar o excellentissimo barão da Ponte de Santa Maria; e presidindo á ca-

mara municipal do concelho de Bouças o cidadão Manuel Francisco da Conceição; reunidas as supra referidas auctoridades na praia de *Arnosa de Pampelido*, pertencente ás freguezias de Perafita e Lavra, do concelho de Bouças, duas legoas ao norte da invicta cidade do Porto, duas ao sul de Villa do Conde, e legoa e meia ao sul da pequena povoação de S. João de Mindélo, que equivocadamente se tem até agora designado como logar do desembarque do exercito libertador, quando este acontecimento memoravel, que se verificou no dia 8 de julho de 1832, teve logar n'esta praia de Arnosa de Pampelido, commandando em chefe o exercito sua magestade imperial, de saudosa recordação, o senhor Dom Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbom, duque de Bragança, regente em nome da rainha, a senhora Dona Maria II, por abdicação legal do mesmo augusto senhor, debaixo do titulo de Dom Pedro IV: tendo egualmente concorrido alli os titulares, altos funccionarios e mais empregados e cidadãos distinctos abaixo assignados, convidados pelo excellentissimo conselheiro administrador geral para assistirem á collocação da pedra fundamental do monumento, que por ordem do mesmo magistrado, e á custa de donativos de muitos benemeritos cidadãos, foi mandado alevantar para perpetuar a memoria do grande feito historico acima referido; havendo-se mui expressamente escolhido este dia por ser aquelle em que se completam dois seculos depois da restauração d'estes reinos pelo senhor rei D. João IV, tronco da dynastia da casa de Bragança: ahi, depois de lançadas pelo excellentissimo bispo eleito as bençãos do estilo; collocado no logar conveniente pelo excellentissimo administrador geral o cofre, em que se haviam depositar as moedas e medalhas allusivas á epocha e construcção do monumento, e auto respectivo, sendo aquellas depositadas pelo excellentissimo commandante da divisão militar, e este pelo excellentissimo visconde de Semodões, marechal do exercito, o mais antigo official general (presente á ceremonia) que desembarcou com a expedição libertadora; objectos estes que foram todos conduzidos para o logar do monumento por praças alli desembarcadas com o exercito libertador, as quaes sua magestade imperial pelos seus feitos militares havia distinguido com o 1.º grão da antiga e mui nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito; foi solemnemente collocada a pedra fundamental pelo excellentissimo administrador geral, havendo préviamente depositado no cofre a lamina de prata, offerta de uma sociedade de portuenses, em que se acha gravada a famosa proclamação que o immortal duque de Bragança dirigiu ao exercito na occasião do desembarque; e havendo recebido a pedra para alli conduzida por outras quatro praças, em que se reuniam as circumstancias das antecedentes, acompanhadas na conducção pelos excellentissimos barão das Lages e intendente da marinha, e pelos illustrissimos contador da fazenda do districto e presidente interino da camara municipal do concelho da muito antiga, e muito nobre, sempre leal, e invicta cidade do Porto; e havendo fechado o cofre, e entregado a chave ao illustrissimo presidente da camara municipal do concelho de Bouças para ser guardada no archivo da municipalidade. E logo pelo mesmo excellentissimo administrador geral foi declarado que o monumento será uma pyramide no estilo de obelisco na altura de 75 palmos, sobre uma base de trinta palmos; tendo no apice uma estrella radiante, no centro da qual estará o numero 1832, para denotar a epocha do desembarque; no centro do obelisco, e na face sobre o poente, haverá uma medalha, que represente em alto relevo a effigie de sua magestade imperial o senhor Dom Pedro, e nas quatro faces do pedestal as quatro seguintes inscripções a saber: na do poente, face da frente, estas palavras:



Monumento de Arnosa de Pampelido

«*Em honra de Sua Magestade Imperial D. Pedro, Duque de Bragança, primeiro Imperador do Brasil, e quarto Rei deste nome em Portugal, Commandante em Chefe do Exercito Libertador, aqui desembarcado em oito de Julho de mil oitocentos trinta e dois, para restituir o throno a sua Augusta Filha a Rainha Reinante D. Maria Segunda, e a Liberdade aos Portuguezes, se erigiu este padrão para perpetua memoria.*

«Na face do lado do sul a seguinte proclamação: (Omittimos por brevidade este documento).

«Na face do lado do norte a seguinte legenda: *Eram sete mil e quinhentos os bravos do Exercito Libertador: commandava as forças de terra o conde de Villa Flor, e as de mar G. R. Sartorius. De tres divisões se compunha o Exercito. A primeira, capitaneada por J. Schwalbak, era composta do Batalhão de Caçadores numero dous, sob o commando de Romão J. Soares; do Batalhão de Caçadores numero tres, sob o commando de J. Zeferino de S.; do Batalhão de Caçadores numero cinco, sob o commando de F. Xavier S. P. A segunda, capitaneada por Henrique da Silva da F., era composta do Regimento de Infanteria numero desoito, sob o commando de P. J. Frederico; do Batalhão de Voluntarios da Rainha, sob o commando de L. P. de Mendonça Arraes. A terceira, capitaneada por A. P. de Brito, era composta do Batalhão de Caçadores numero doze, sob o commando de M. J. de Menezes; do Regimento Provisorio, sob o commando de D. B. de Salazar Moscoso; do Corpo Academico, sob o commando de J. P. Soares Luna; do Corpo de Atiradores Portuguez, sob o commando do Major Chichiri; do Corpo de Marinha, sob o commando do Tenente Coronel Hodges. Havendo além destas Divisões, o Batalhão d'Officiaes, sob o commando de Bento da França P. d'O.; o Corpo de Guias, sob o commando de J. R. Arrobas; o Ba-*

talhão d'Artilheria, sob o commando de A. da Costa e Silva; a Cavallaria, sob o commando do conde d'Alva.

«E na face do nascente as seguintes palavras: *No primeiro de dezembro de mil oitocentos e quarenta, em que se contão dous seculos desde a elevação da Dynastia de Bragança ao Throno Portuguez, foi alevantado, por ordem do Administrador Geral do Districto, Antonio José d'Avila, e á custa de donativos particulares, este Monumento, de que lançou a primeira pedra o mesmo Administrador Geral, tomando parte nesta solemnidade o Bispo Eleito e Vigario Capitular da Diocese, D. Jeronymo; o Commandante da Divisão Militar, Barão da Ponte de Santa Maria; o Presidente e Membros da Camara Municipal de Bouças; e assistindo um grande numero de Generaes, Funccionarios, e pessoas Conspicuas da Invicta Cidade do Porto. E para constar mandou o mesmo Administrador Geral lavrar este Auto, que eu Antonio Luiz d'Abreu, Secretario Geral da Administração do Districto, escrevi.*» (Seguem-se 68 assignaturas).

A ceremonia de que trata este documento foi celebrada com muita solemnidade e pompa. Formou em parada, e deu as descargas do costume, uma brigada composta de um parque de artilheria, cavallaria da guarda municipal e dois regimentos de infanteria. Tanto da cidade do Porto, como das povoações proximas do litoral até Villa do Conde, concorreu muita gente ao logar da fundação.

O illustre magistrado que então administrava o districto do Porto não se limitou, na concepção do plano, a commemorar o successo e corrigir um erro historico. Tambem teve em vista um fim politico, que acredita a sua habilidade governativa pelos resultados salutares que produziu. Attrahindo a attenção publica para a commemoração de um feito que tanto interessava á cidade do Porto; avivando d'est'arte a recordação de mil scenas de valor e devoção civica de que a mesma cidade fôra theatro sete annos antes; excitando, em fim, com aquella festa nacional, os brios e enthusiasmo populares pela liberdade, de envolta com o acatamento á memoria do libertador, e dos seus companheiros de gloria e de trabalhos, conseguiu serenar os animos e aplacar as paixões politicas, que, em consequencia do estado de agitação do paiz, ameaçavam romper a cada instante em tumultos e desordens.

Como succede quasi sempre em o nosso paiz, as obras do monumento correram regularmente em quanto velava por ellas o fundador. Começando, porém, a afrouxar logo que aquelle magistrado deixou a administração do districto, em breve vieram a parar em meio da construcção. Assim permaneceram por largos annos, com grande prejuizo das pedras lavradas, que jaziam dispersas em volta do padrão, principalmente as lapidas de marmore com as inscripções que bastante se estragaram. Mas, em fim, tornou-se-lhe a pôr mão, e concluiu-se no anno passado. O monumento é de granito, sendo de marmore o busto do immortal dador da Carta, e as lapidas que contém as inscripções.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Vid. pag. 12)

III

Ao capital de mr. Isidore e ao zêlo de mr. Coquerel, guarda-livros d'esta sociedade, deveu Constantino a fundação e progressos do seu magnifico estabelecimento. Todos tres trabalharam á porfia para assegurar e engrandecer esta empreza, e só no fim de dez annos é que fizeram repartição de lucros.

Tanto que o nosso artista começou a expor á venda a sua mui variada flora, logo as principaes casas de Paris, e mais que todas a de Bâton, lhe fizeram grandes encommendas, mórmente de ranunculos de pennas e grinaldas de madre-silva, planta que o nosso artista conseguiu imitar por modo inexcedivel.

As camelias de pennas, feitas por Constantino, tiveram então muita voga, e a casa Nattier conserva ainda as primeiras que lhe encommendou, havidas pelas mais perfeitas que saíram das mãos do admiravel florista portuguez.

Recresceram com a fama as rivalidades, mas todas supplantou o nosso artista, a ponto de ser nomeado, em 1839, fornecedor da familia real de França. Faltava-lhe, porém, outro diploma de maior valia, um premio conquistado em concurso publico. Não lhe tardou.

Abriu-se a exposição de 1844, em Paris; e ahi apresentou Constantino uma variedade pasmosa de flores artificiaes.

Os visitantes que paravam a admirar aquelle vergel envidraçado, exclamavam: Que extravagancia! expor flores naturaes!

Passados dias, parte d'aquellas flores tinham murchado, e as mais conservavam a frescura do primeiro dia.

Só então se reconheceu que as flores artificiaes estavam alternadas com as naturaes, sem que a vista mais perspicaz e exercitada as houvesse differençado! De Zeuxis se conta, que tão ao natural pintára um racimo de uvas, que os passaros voavam a ellas cuidando ser de parreira. Em similhante logro caíram os francezes; e quando este ardil se divulgou, todos quizeram ir desenganar-se. El-rei Luiz Filippe, com toda a familia real, foi ver esta raridade.

Constantino alcançou n'esta exposição o primeiro premio, e o seu nome foi um dos proclamados pelo rei no palacio das Tulherias. Por essa occasião, a rainha e as princezas, que estavam ao lado de Luiz Filippe, disseram: «Sire, cette récompense n'est pas suffisante.»

Vê-se que n'estas palavras, tão graciosamente emphaticas, ia um memorial para que o rei o condecorasse tambem com a legião de honra, conferida n'esse acto a outros expositores.

O relatorio do jury d'esta exposição, depois de exaltar a belleza das flores de Constantino, conclue:

«Le public l'a placé depuis longtemps, en France, au premier rang parmi ses concurrents.

«Le jury est heureux de confirmer cette distinction, si justement méritée.»

O sr. Castilho, em um maravilhoso artigo da *Revista Universal*, dando noticia d'esta victoria alcançada por Constantino na capital do mundo artistico, foi quem primeiro o appellidou *rei dos floristas*, titulo que obteve a geral confirmação, e pelo qual ficou sendo conhecido e nomeado.

Por occasião do terremoto de Guadalupe, fez-se um bazaar no Palais-Royal, presidido pelas damas da rainha e das princezas, a favor das familias que haviam empobrecido por effeito d'aquelle espantoso desastre.

Constantino enviára para esta exposição caritativa uma caixa de flores magnificas; e quando o auctor alli appareceu para fazer algumas compras a beneficio dos pobres, as damas que estavam aos mostradores o festejaram enthusiasticamente, exclamando: «*Vive notre grand artiste! Vive le roi des fleurs!*»

Os jornaes de Paris, dando noticia d'esta mimosa recepção das damas da rainha ao florista portuguez, a capitularam de *véritable ovation.*

Não só em França, tambem em Portugal, foi sempre mui querido das damas o nome de Constantino, porque nenhum outro artista soube tão primorosamente realçal-as com o adorno que mais encanta e sublima a formosura, como são as flores.

Quando já tinha a fabrica no auge a que a subíra

o seu trabalho e o seu talento, Constantino saíu de Paris para, em differentes regiões, ir estudar a botanica pratica.

Em Inglaterra visitou as famosas estufas do duque de Devonshire e outras.

Na Allemanha percorreu os vastos jardins de inverno do barão de Hough.

Napoles, Roma e outras cidades de Italia, contribuiram para opulentar a flora do nosso artista.

Foi, porém, nos Altos-Pyrenéos que elle fez a mais abundante colheita, e onde tambem correu grandes perigos.

Sendo informado de que na coroa e pelos pincaros do Vignemale floreciam plantas mui raras e exquisitas, abalançou-se a tão perigosa ascensão. Poucas pessoas a haviam effectuado incólumes até então. O duque de la Moskowa fôra d'esse numero, alguns annos antes; mas, logo depois, dois viajantes lá morreram desastrosamente.

Constantino, cuja imaginação se exaltára com a esperança de novos descobrimentos para a sua arte, não se atemorisou. Metteu-se a caminho acompanhado de dois guias.

Depois de haver trepado as cinco vertentes, que, como degraus de gigante, conduzem ás abas do monte Vignemale, ahi começou a perigosa ascensão. Com a intrepidez da sua juventude marcial, galgou penedias quasi a prumo, e atravessou alcantiladas serras de gêlo, cortadas por largas e profundas cavernas, onde as torrentes se engolfavam com pavoroso fragor, espumando raivosas e entumecidas.

Superadas estas difficuldades, maiores eram as que ainda tinha a vencer. N'aquella eminencia, e por taes caminhos, a descida era mais perigosa que a subida.

E foi. N'um penhasco acamado de neve, resvalou Constantino e os guias que o sustinham, indo assim de gangão, espaço de cem pés, dar n'um combro de gêlo, que se rompeu com o embate da quéda, escorando-se ahi os desamparados viajantes.

Desde então nunca mais Constantino teve saude perfeita, originando-se-lhe o padecimento que ha annos o consome.

Mas conseguiu o que poucos tem logrado, e fez uma colheita preciosa de plantas raras. Regressando a Paris, da sua fabrica saíu então uma copiosa variedade de flores dos Pyrenéos até alli não vistas, o que lhe grangeou ainda maior fama, e o ser preferido para fornecedor das principaes casas reinantes.

O abalo que produziu a revolução franceza de 1848 obrigou os fabricantes de Paris a despedirem dois terços dos seus operarios. Constantino tinha a esse tempo setenta e dois, entre homens e mulheres; a todos conservou, posto que para isso fizesse grandes sacrificios, chegando até a vender a sua baixella de prata.

Por fins d'esse anno foi a Allemanha cobrar as dividas que alli tinha em aberto, para poder sustentar a sua fabrica de Paris. N'esta viagem, indo a Berlin, foi convidado para dar lições da sua arte á princeza real, que o presenteou com uma taça de oiro de muito lavor, tendo gravada a sua firma e as armas reaes da Prussia.

Saudades da patria, d'onde emigrára havia já vinte e seis annos, o determinaram, ainda que muito doente, a emprehender, em 1850, a viagem até Lisboa, onde chegou a 23 de junho.

Aqui teve uma recepção digna do seu peregrino talento artistico, e da fama que o precedêra.

Toda a imprensa festejou a sua chegada; foram numerosos os convites que teve da nobreza para jantares e reuniões. Os escriptores e artistas da capital deram-lhe um jantar no Hotel de Italia, a que assistiu Almeida Garrett.

Suas magestades a rainha D. Maria II e el-rei D. Fernando receberam-n'o com muita affabilidade no paço das Necessidades. Constantino offereceu á rainha um magnifico ramalhete de rosas, e uma grinalda de flores rarissimas.

Quinze dias depois partiu para o Porto, onde o receberam com demonstrações não menos festivas que as de Lisboa. De lá seguiu para Moncorvo, sua terra natal.

Uma deputação da camara municipal o foi logo comprimentar, entregando a seguinte allocução:

«A camara municipal d'esta villa faltaria ao seu dever, como representante dos sentimentos d'esta povoação, se não manifestasse o jubilo que lhe causa ver entre os seus compatriotas o rei dos floristas, Constantino José Marques.

«Para este fim, na sessão de hontem, 13 de agosto de 1850, decidiu:

«Que o seu presidente, Antonio Joaquim Ferreira Pontes, e os vereadores Antonio de Carvalho e Castro Freire Cortez, e Francisco Leopoldo Botelho de Magalhães, fossem manifestar ao illustre filho de Moncorvo, a satisfação que tinham todos os seus compatriotas de se achar entre elles o primeiro em todo o mundo na arte que professa.

«E juntamente pedir-lhe que nunca abandonasse a sua naturalidade de portuguez, nem deixasse de contar-se entre os filhos de Moncorvo.»

A camara resolveu tambem, que uma cópia da acta em que se tomaram estas deliberações fosse entregue a Constantino pela mesma deputação.

(Continua) A. da Silva Tullio.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 23)

Uma circunstancia inesperada acabou de firmar a resolução dos dois principes. Os moiros de uma povoação não longe de Ceuta, atemorisados pela chegada das duas armadas do Porto e de Lisboa, e lembrando-se ainda com terror das façanhas maravilhosas de D. João I, enviaram logo uma mensagem aos infantes, pedindo-lhes paz a troco de um tributo e vassallagem á coroa de Portugal.

Acceitou-se, pois, a proposta com applauso; e a outros que pediram egual favor se lhes recusou o pedido por se não chegar a accordo sobre o valor do tributo. Todavia, estas mensagens foram tidas em conta de um preludio de assignalados triumphos.

Não havia, portanto, mais que pensar; o esforço de poucos peitos devia supprir a falta de muitos braços. A ordem de marcha foi dada finalmente. Mas, querendo D. Henrique seguir pelo caminho que mais breve o conduzisse ante os desejados muros de Tanger, obstaram-lhe os praticos, descrevendo-lhe as escabrosidades das serranias que era mister atravessar, e nomeando-lhe poderosas e aguerridas tribus que defendiam essas passagens difficeis. Então o infante, sem desistir ainda do intento, mandou a João Pereira, com mil soldados de cavallo e de pé, explorar esses terrenos que lhe representavam tão cheios de perigos.

Foi e voltou prestes a pequena expedição. Os praticos haviam dito a verdade. Os desfiladeiros da serra da Hinseira eram quasi intransitaveis. Os moiros de Alcacer Ceguer, que saíram ao encontro dos exploradores, eram tantos e tão valentes, que só á custa de incriveis actos de bravura e coragem conseguiram estes ultimos salvar-se com honra de um conflicto perigosissimo.

Á vista de similhante relação não havia remedio senão mudar de rumo. Escolheu-se, por conseguinte, o caminho que vae por Al Muacar, Tetuão, e valle de Angera.

No domingo, 8 de setembro, de manhã cedo, o bispo de Evora disse missa, prégou um eloquente sermão da cruzada, e depois lançou a absolvição plenaria aos infantes e a todas as tropas reunidas. Na segunda feira todo o exercito se poz em marcha.

Rui de Sousa, com trezentos ginetes, partiu adiante, como descobridor, vinha o dia alvorecendo. Pouco depois saíu o conde de Arrayolos, commandando a vanguarda, atraz da qual ia a carriagem, que tão extensa era que levou até ao meio dia a sair da cidade.

A pequena distancia d'esta força seguia-se a ala direita, commandada por D. Fernando de Castro, governador da casa do infante D. Henrique; e immediata a ala esquerda, do commando de D. Fernando o Moço, por alcunha o *cegonho*, que era vêdor do do mesmo infante. Após ia Ruy de Mello com a bandeira do infante D. Henrique, e logo D. Duarte de Menezes, que fazendo de alferes-mór por seu pae, D. Pedro de Menezes, levava o estandarte del-rei; e depois d'este João Falcão com a bandeira da cruzada.

Seguiam-se as imagens de Santa Maria de Africa e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a figura del-rei D. João I, e uma reliquia do santo lenho, acompanhada pelo bispo de Evora e muitos padres.

O infante D. Henrique e a sua phalange, que formava a retaguarda do exercito, fechavam este longo prestito, meio guerreiro meio religioso.

Ao infante D. Fernando não lhe foi permittido, por doença, acompanhar esta tão lustrosa hoste. Assim teve de embarcar, e em quanto seu irmão caminhava com as tropas por terra, foi elle com toda a armada surgir na bahia de Tanger.

III

Ao cair da noite fez alto o exercito no sitio do Paul, quatro legoas distante de Ceuta. No dia seguinte, terça feira, foi assentar o seu arrayal junto aos muros de Tetuão.

Estavam as portas da cidade abertas de par em par; as ruas achavam-se desertas, e as casas inteiramente abandonadas. D. Duarte de Menezes, que levava muita dianteira ao grosso do exercito, capitaneando um forte troço de cavalleiros, poupára ao infante D. Henrique o trabalho de render Tetuão, assim como a elle fôra tambem roubada a gloria de a investir, pelo terror que as armas portuguezas espalhavam por todas aquellas povoações desde a gloriosa conquista de Ceuta.

Não se julgando, pois, os moiros de Tetuão bem fortes para resistir ao proverbial valor dos portuguezes, haviam fugido, abandonando a cidade apenas lhes constou que o inimigo já vinha perto.

Póde-se fazer idéa do despojo que os soldados levariam, tendo ao seu dispor uma cidade desoccupada á pressa e tumultuariamente pelos seus moradores, que mal teriam tempo de salvar o seu movel mais precioso. Passou-se, portanto, a noite mais em folguedos que em repoiso. Era, na verdade, este successo tão justo motivo para grandes esperanças, que a satisfação e a alegria entrou egualmente nas pessoas mais graves e auctorisadas.

Ainda o primeiro arrebol da manhã mal recortava com a sua frouxa luz os perfis das montanhas, já as tropas se punham em movimento para recomeçarem sua jornada.

N'este terceiro dia andaram outras quatro legoas, e foram pernoitar ao *valle de Angerr*, a um logar chamado pelos moiros a *Atalaia do Leão*, sitio abundante de aguas e formoso em bosques, aonde acharam, para mais fortuna, grande cópia de mantimentos.

Continuando pelo mesmo valle na seguinte madrugada, ao cabo de outras quatro legoas, chegaram á *Fonte dos Adays*, pequena aldeia que os seus pacificos habitantes se apressaram a despejar, mas não de modo que não deixassem aos seus hospedes muito com que se regalarem e refazerem dos incommodos e enfados da jornada.

Ao amanhecer do quinto dia poz-se tudo em marcha. Restavam só tres legoas de caminho, e não tardaram a descobrir a cidade de Tanger, assentada senhorilmente no fundo da pequena bahia a que dá o seu nome, em cujas aguas se espelhavam os velhos e negros muros que a cingiam; a casaria, subindo em amphitheatro pelo dorso do pouco elevado monte; e o seu famoso *Alcazar*, campeando com soberba no ponto mais alto da cidade.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

71.°

(Vid. pag. 16)

36.°— Poder-se-ha dizer: *o sentimento do eu é identicamente o mesmo, qualquer que seja...* etc.

R.— Não se póde dizer, nem ouvir.

37.°— Será bom portuguez dizer: *a pouca sufficiencia grammatical*, querendo exprimir a falta de instrucção nos principios da grammatica?

R.— Não é mau.

38.°— Com todos seus modos. Falta o artigo. Nos classicos vem exemplos a favor.

R.— A suppressão dos artigos em certas phrases dá impulso e energia á phrase; outras vezes não. No exemplo citado está bem.

39.°— Constitue a obra a mais interessante da creação.

Será aqui legitimo o significado de *interessante?* Falla do homem: é o caso de — menina interessante, livro interessante.

R.— O adjectivo *interessante* aqui é frouxo, mas não improprio; a repetição do segundo artigo *a* é que barbarisa a phrase.

40.°— Será proprio dizer-se: não podêmos comprehender o mysterio da *combinação* do espirito com a materia?

R.— Dizendo-se que é mysterio, será pleonasmo accrescentar que se não comprehende.

41.°— Sustentar o exame da critica...

Não acho mui apropriado o *sustentar*, porque o exame da critica não é *peso* nenhum. Eu diria *soffrer*.

R.— Diria mal, porque alli o verbo está posto em sentido figurado.

42.°— *Contestar a Providencia*, em vez de *negar a Providencia* ou *que a haja*, póde approvar-se?

R.— Não póde.

43.°— *Estes parecem ter...* Não era melhor: *Estes parece terem?*

R.— Conforme for o complemento da phrase.

44.°— Não encontro graça a dizer: *absurdo espantoso*, porque na realidade o absurdo não é nenhuma aventesma de espantar a gente. Se assim vamos com estas imagens, logo teremos *contradicção engulhosa*, *erro nauseativo;* e por ahi representâmos os falsos systemas philosophicos como cadaveres lividos e pustulosos, capazes, só de pensar n'elles, de revolverem a um christão todos os intestinos.

R.— Parece-me que o absurdo comporta bem estes epithetos.

45.°— O vicio ás vezes é exaltado e venturoso.

Tenho minha duvida na propriedade de *venturoso*. Quanto a mim, *venturoso* traz comsigo a idéa de felicidade ineffavel, completa; e parece indicar esperanças brilhantes no futuro. Nada d'isto se passa no vicio; este é afortunado muitas vezes; nunca chega, porém, a ser feliz; venturoso, pelo menos, jámais o elle póde ser.

R.— Assim é; mas ninguem estranha o dizer-se: ha ruins que tem ventura. SILVA TULLIO.